

A Conspiração Sonora

David Waisman

Há um *complot* contra o cinema brasileiro. Não é o das manipulações por detrás das grades da bilheteria, contra nossos produtores; não é o do *dumping* de filmes estrangeiros baratos e de má qualidade que alguns distribuidores importam sem nenhum obstáculo alfandegário; não é o da aliança entre grupos promocionais novos e grupos comerciais velhos, contra uma legislação cinematográfica de abertura de horizontes.

É um *complot* mais vasto, mais enraizado, mais teimoso e irremovível: é o *complot* sonoro, o *complot* contra os filmes falados em português. No início, há muitos anos, a coisa tinha um caráter de complexo colonial: diziam que nossa língua, falada na tela, simplesmente não "colava"... Mas, hoje, estabeleceu-se um processo muito mais eficiente e sutil de castração de nossos filmes: a péssima qualidade da reprodução sonora que impera na maioria das salas de exibição no Brasil, introduz um critério de seleção mortífero para nosso cinema. Milhões de expectadores captam o filme estrangeiro "de qualquer maneira", através da tradução das legendas, sem duvidar da sua qualidade sonora; mas o filme brasileiro não consegue se comunicar com suas platéias satisfatoriamente, pois os diálogos são distorcidos por máquinas mal instaladas e mal cuidadas.

Mais de uma vez, assistindo a filmes de procedência americana

ou européia, no Rio, em companhia de amigos estrangeiros que que não podiam ler as legendas em português, pude verificar o reverso deste fenômeno: cenas dramáticas, interpretadas por atores internacionalmente famosos, caíam no ridículo ou causavam irritação. Em tais condições, é muito melhor para um filme fazer-se entender através de legendas.

A primeira e principal influência funesta do *complot* sonoro é a determinação de condições negativas de mercado para filme brasileiro. A frase amorosa de um ator, uma porta que bate, um acorde musical com certa intenção dramática, chegam distorcidas ao ouvido do expectador e não convencem.

A segunda influência funesta é sobre o nível técnico de nossos estúdios, que sabem e podem fazer melhores trilhas sonoras do que as atuais. Mas nossos técnicos de gravação se afastam deliberadamente das curvas de distribuição de graves e agudos internacionalmente padronizados, porque sabem que através das cabines de projeção de nossos cinemas elas não passam.

O som é distorcido intencionalmente para que, pelo menos, os diálogos sejam entendidos. Assim, para grande prejuízo estético do filme nacional, desiste-se de mil nuances e possibilidades pelo fracionamento dos planos sonoros dentro de determinada imagem. Quando este vício se transforma em hábito ou é erigido em princípio estético, o *complot* sonoro marca um nóvo tento.

A solução deste problema em escala nacional tem um só caminho: padronização, legislação e fiscalização. E nada disso é novidade em dezenas de países que contam com indústria cinematográfica. Na França, para citar um só exemplo, a fiscalização das condições de reprodução sonora, há muito padronizadas nas salas de cinema, é tão rotineira como a fiscalização sanitária das mesmas salas ou de seus recursos de segurança contra incêndio. E quais são os itens padronizados e fiscalizados? Podem ser divididos em

"condições de sala" e "condições de cabine".

Numa sala de cinema, além de serem bem definidas por lei as dimensões da tela, seu ângulo de colocação e sua luminosidade, são determinados ainda, entre outros itens, uma qualidade acústica mínima da sala (em termos de absorção de decibéis) e a distribuição dos alto-falantes por detrás da tela. Os cálculos de percepção do som são feitos em relação a um expectador hipotético entre as filas 11 e 16 de uma sala de 1 200 lugares — inclusive os cálculos relativos à sincronização labial.

Na cabine de projeção está o fator mais importante: o equipamento sonoro, sua instalação, manutenção e regulagem. Em engenharia acústica as características de reprodução do som são definidas por uma curva matemática de distribuição de graves e agudos. Ora, numa cabine de projeção, esta curva de reprodução é determinada de maneira que complementemente as características da trilha sonora gravada no estúdio, características estas também padronizadas. Esta complementação é que vem concluir o processo iniciado no estúdio, resultando nesta coisa tão rara para nós: um bom som no cinema. Como projetores fabricados em todo mundo obedecem à mesma padronização internacional, as irregularidades da reprodução do som vêm a ser um problema de *manutenção*. A fiscalização deste item pode ser feita fácil e rapidamente por um técnico devidamente equipado.

O *complot* sonoro exige providências urgentes em termos de legislação e fiscalização eficientes. É lamentável que os proprietários das salas de exibição não tomem eles próprios a iniciativa de melhorarem as condições de projeção, as quais sem dúvida influem na crise de público em que atualmente se debatem.

A melhoria do som nos cinemas virá beneficiar, pois os próprios responsáveis pela intolerável situação atual, mas, principalmente, significará o desmonte de mais um obstáculo no caminho do cinema brasileiro.